

**GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidade**

**ISSN 2177-3688**

**7 VISÕES DO MAR: COMPARTILHAMENTO DE MEMÓRIAS QUILOMBOLAS NO FACEBOOK**

***SEVEN VIEWS OF THE SEA: SHARING QUILOMBOLAS MEMORIES ON FACEBOOK***

**Vítor Bedeti Gomes** - Universidade FUMEC

**Adriane Maria Arantes de Carvalho** - Universidade FUMEC

**Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** As mídias sociais contribuem para a disseminação de informações e na conexão entre comunidades, inclusive nas comunidades quilombolas. O objetivo do trabalho é investigar como ocorreu o compartilhamento de experiências e memórias, no Facebook, de sete quilombolas do Quilombo Fátima sob a perspectiva de quando viram o mar pela primeira vez. A pesquisa é descritiva-exploratória e de natureza qualitativa. Adotou-se a netnografia, método investigativo, interpretativo e de imersão para analisar as postagens realizadas no Facebook. Os resultados evidenciaram o papel do Facebook na documentação e no registro de aspectos históricos dos sete quilombolas do Quilombo Fátima, apresentando-se como uma plataforma acessível e confortável. A espontaneidade identificada nas postagens permite emergir uma trama de sentidos e significados, que revelam camadas profundas da identidade dos quilombolas. A memória que se expressa neste contexto se expande em dimensões tentaculares sobre a perspectiva histórica da negritude no Brasil. O estudo permitiu a análise das práticas informacionais de perto e a relação entre tecnologia, cultura e território, especialmente no contexto da negritude. Revelou a importância das mídias sociais como espaço de expressão e a análise dos compartilhamentos como um movimento de valorização das narrativas negras, onde as experiências individuais se conectam com a história coletiva.

**Palavras-chave:** quilombo; Facebook; informação étnico-racial; práticas informacionais; memória.

**Abstract:** Social media helps disseminating information and connecting communities, including *quilombola* communities. The purpose of this paper is to investigate how experiences and memories are shared on Facebook by seven *quilombolas* from the Fátima *quilombo* under the perspective of the moment when they saw the ocean for the first time. The research is descriptive-exploratory, having a qualitative nature. Netnography was adopted as an investigative, interpretative and immersive method to assess the posts shared on Facebook. The results showed the role of Facebook in documenting and recording historical aspects of the seven *quilombolas* of Fátima *quilombo*, presenting itself as an accessible and comfortable platform. Spontaneity identified in posts enables emerging a mesh of senses and meanings revealing deep layers of the *quilombolas'* identity. The memory expressed within that context expands in tentacle dimensions to the historical perspective of blackness in Brazil. The study allowed a close look on informational practices and on the relationship between technology, culture and territory, especially within the blackness context. It unveiled the importance of social media as a room for expression and sharing assessment as a movement to value black narratives where individual experiences connect to the collective history.

**Keywords:** maroon community; Facebook; ethnical-racial information; informational practices; memory.

## **1 INTRODUÇÃO**

Símbolo e unidade básica de resistência, as comunidades quilombolas são reconhecidas como “grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria” (BRASIL, 2003). Com uma profusão cultural de origem africana, são também “dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida” (BRASIL, 2003).

As comunidades quilombolas são formadas por descendentes de pessoas africanas que foram escravizadas, conseguiram escapar do sistema escravista e estabeleceram assentamentos autônomos, conhecidos como os quilombos. Constituíram-se em espaços de resistência, onde os africanos de diversos países da África e seus descendentes puderam preservar suas tradições, crenças e modos de vida, além de buscar a liberdade e a justiça social.

Ao abordar o processo de colonização, sob a ótica da negritude, o quilombola Antônio Bispo dos Santos afirma que, ao chegarem no Brasil, os povos africanos imediatamente se rebelaram contra os colonizadores (SANTOS, 2019). Neste sentido, foram arquitetadas várias maneiras de escapar do sistema de violência como, por exemplo, adentrando pelas matas virgens, florestas e reconstituindo seus modos de vida comunitária, como nômades ou na ocupação de um território (SANTOS, 2019)

No oceano digital, as mídias sociais contribuem para disseminação de informações e na conexão entre comunidades, inclusive as quilombolas. O Facebook é uma das maiores mídias sociais e nela estão presentes tanto comunidades públicas quanto comunidades fechadas, das quais algumas são vinculadas a comunidades quilombolas (CARMO *et al.*, 2013; KAWAGUCHI, 2015; TESSAROTO, 2019;). Além disso, a pesquisa "*Black Millennials of Brazil*" investigou os hábitos de consumo da jovem comunidade negra na internet e constatou que 64% têm o Facebook como a rede preferida para o consumo (PEREIRA, 2016). As práticas informacionais são essenciais para entender como os quilombolas compartilham informações no Facebook, interagem com a informação em seu cotidiano e como se envolvem em processos de busca para atender às suas necessidades e interesses.

Desde 2014 é realizado o Encontro do Quilombo Fátima e São Julião com Povos Tradicionais do Sul da Bahia (Festival EGBE). Esse evento tem permitido a ida de pessoas do Quilombo Fátima, localizado em Minas Gerais, para o sul da Bahia e, também, tem propiciado

a muitas delas conhecer o mar pela primeira vez. Um dos pesquisadores faz parte desse quilombo e, em 2019, teve a oportunidade de participar do evento. O festival dura alguns dias, mas testemunhar o impacto que as mulheres e homens quilombolas tiveram ao ver o mar pela primeira vez e poder ver suas postagens no Facebook o motivou a lançar esse olhar também para outras pessoas do Quilombo Fátima, que passaram pela mesma experiência. Esse entrecruzamento de histórias, por meio dos registros compartilhados no Facebook, despertou o desejo de conhecer as profundezas dessa experiência em mergulhos intensos e duradouros. A partir dessa sequência de eventos emergiu o problema de pesquisa: após ver o mar pela primeira vez, como ocorreu o compartilhamento de experiências e memórias de sete quilombolas do quilombo Fátima no Facebook?

Neste estudo busca-se investigar como ocorre o compartilhamento de experiências e memórias, no Facebook, de sete quilombolas do quilombo Fátima sob a perspectiva de quando eles viram o mar pela primeira vez. Espera-se que a análise sobre como ocorreu esse compartilhamento de experiências e memórias auxilie a compreender como essas práticas informacionais se manifestam e qual papel dessa plataforma na preservação da identidade cultural e no fortalecimento de membros de uma comunidade quilombola.

Destaca-se ainda que estão em desenvolvimento estudos que abordam a relação entre comunicação e quilombolas (LOPES *et al.*, 2022) ou entre práticas informacionais e quilombolas, mas reconhece-se “o espaço quilombola como um lugar de memória e responsável pela produção de informação e conhecimento” (LAURINDO; PIZARRO, 2021, p. 12). Além disso, “os processos de mediação da informação auxiliam no desenvolvimento e emancipação das populações quilombolas” (LOPES *et al.*, 2022, p. 30), contribuindo para a emergência de sujeitos sociais capazes de resistir e exercer a sua cidadania.

A escrita deste estudo é construída por intermédio de vivências, por narrativas, observação, escuta e por uma linguagem de quilombo. Por isso transita pela formalidade que a pesquisa científica evoca, pois considera-se a importância deste formato, mas parece propício fazer o movimento semelhante ao da onda no mar: num momento tem-se uma onda carregada de linguagem quilombola, marcada pela oralidade, no outro tem-se uma onda formada pela linguagem científica. Ambas as linguagens, neste texto, são águas do mesmo mar, em formatos diferentes.

Assim como as águas do mar seguem o seu curso, este estudo segue o percurso da vida acadêmica, sendo que a próxima seção é dedicada à fundamentação teórica. As seções

seguintes apresentam os procedimentos metodológicos adotados, os resultados obtidos e as considerações finais do estudo.

## **2 PRÁTICAS INFORMACIONAIS EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS**

Com o intuito de compreender a complexidade das postagens realizadas por quilombolas no Facebook, é interessante analisar o compartilhamento da informação sob a óticas das práticas informacionais para mergulhar em um mar profundo de sentidos. O conceito de práticas informacionais permite retomar a ideia da “práxis de informação” de Savolainen (2007). Segundo o autor, as práticas informacionais são influenciadas por fatores sociais, culturais, econômicos e individuais, e estão fundamentadas, principalmente, nas necessidades e nos interesses das pessoas. Ele destaca que as práticas informacionais são moldadas pela interação entre o ambiente de informação e o indivíduo, e são afetadas pelo contexto em que ocorrem.

McKenzie (2003) propõe um modelo bidimensional de práticas informacionais relacionadas à busca de informações na vida cotidiana. De acordo com a autora, a busca não intencional, ou não ativa de informações, ocorre quando as pessoas se deparam com informações em atividades rotineiras, tais como assistir à televisão, folhear revistas ou jornais, em encontros fortuitos e, pode-se inferir, ao interagir em mídias sociais. A autora reconhece que o envolvimento ativo, dirigido, na procura de informação não corresponde a todo o comportamento informacional. Desta maneira prefere o uso do termo prática informacional ao termo comportamento informacional porque ele permite deslocar a análise dos aspectos cognitivos para os aspectos sociais das atividades concretas e situadas das pessoas nessas práticas (MCKENZIE, 2003). A autora aborda o conceito de serendipidade, que significa a possibilidade de se fazer descobertas importantes por acaso, ou seja, por meio de ocorrências inesperadas ou imprevisíveis. McKenzie (2003) observa como as práticas informacionais conectam-se umas às outras, assim como uma única interação pode produzir uma variedade de práticas informacionais, sempre destacando o papel do contexto no qual elas ocorrem.

Segundo Gonçalves (2006), o conceito de serendipidade é utilizado para descrever as situações nas quais uma pessoa se depara ou encontra algo enquanto procurava outra coisa, mas a autora destaca que isso ocorre porque, de alguma maneira, já se estava atento a isso, ou seja, havia uma predisposição. Os estudos de McKenzie (2003) relacionam-se diretamente com os de Gonçalves (2020). Segundo essa autora, “precisamos ter pelo menos um pouco de

conhecimento sobre o que “descobrimos” para que o feliz momento de serendipidade não passe por nós sem que sequer o notemos” (GONÇALVES, 2006, p. 7).

Ressalta-se que o saber ordinário “é de um lado praxístico-operativo, contendo uma visão do mundo” e articula-se no contato imediato da vida, mas, por outro lado, “evoca o sentido do humano, latente nas tradições”, configurando-se em uma “leitura do sentido da vida através da experiência imediata na tradição histórica” (ZILLES, 1998, p. 154).

Assim, ao voltar o olhar sobre o território quilombola, alude-se ao geógrafo Milton Santos (1994), para quem a análise social deve lançar o seu olhar sobre os usos do território (o território usado), os quais diferenciam-se pelo seu conteúdo técnico, informacional e comunicacional. Segundo Pasti (2021), o território usado possui um papel ativo na organização da comunicação.

Tem-se também que as tecnologias da informação e da comunicação (TIC) influenciam e modificam a socialização das pessoas e, para além do território físico, possibilitaram o surgimento do conceito de comunidade virtual que pode ser entendida como “um elemento do ciberespaço, mas é existente apenas enquanto as pessoas realizarem trocas e estabelecerem laços sociais” (RECUERO, 2003, p. 11).

Para Recuero (2009) o estudo das mídias sociais na internet, como o Facebook, é fundamental para compreender as estruturas sociais que surgem mediadas pelos dispositivos tecnológicos (celular, tablets, computadores etc.), e como essas relações geram compartilhamentos de informações e trocas sociais. Segundo a autora, o foco deve estar em como a rede social reflete a estrutura social e o comportamento dos indivíduos. Neste contexto, o Facebook pode ser definido “como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais). Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas” (RECUERO, 2009, p.24). As mídias são plataformas “cujo foco principal está na exposição pública das redes conectadas aos atores, ou seja, cuja finalidade está relacionada à publicização dessas redes” (RECUERO, 2009, p. 104).

Para Eufrásio e Souza (2022), as comunidades virtuais formadas com a predominância de membros negros e negras transformam-se em um “ambiente de aquilombamento”. Elas contribuem para o compartilhamento de informações e de experiências relacionadas ao racismo, ao resgate histórico, à formação de consciência e de discussão dos direitos de homens e mulheres negras, contribuindo para o fortalecimento da autoestima identitária

(EUFRÁSIO; SOUZA, 2022). O Facebook também tem sido palco da busca pelo reconhecimento de jovens quilombolas (TESSAROTTO, 2019) e de movimentos sociais *on* e *off-line* (CARMO *et al.*, 2013; KAWAGUCHI, 2015).

### 3 METODOLOGIA

A pesquisa é descritiva-exploratória e de natureza qualitativa. Para mergulhar de maneira mais profunda nas comunidades do Facebook foi necessário recorrer a um método investigativo, interpretativo e de imersão. Adotou-se a netnografia, pois é uma metodologia utilizada para pesquisar comunidades, perfis, páginas, engajamento, interações e compartilhamento de informações pela internet. Segundo Kozinets, ela é um “método de pesquisa qualitativo que adapta as técnicas de pesquisa etnográfica ao estudo de culturas e comunidades que emergem através das comunicações mediadas por computadores” (KOZINETTS, 2002, p.61).

De acordo com Martins (2012) a netnografia envolve um processo contínuo de observação e análise de comunidades online para compreender a dinâmica social, cultural e comportamental dos participantes dessas comunidades. Trata-se de uma estratégia eficaz ao angariar informações, pois propicia “a imersão do pesquisador no grupo a ser estudado e a sua convivência com a cultura local para entender, ou melhor, mergulhar no modo de ver e pensar o mundo daquele grupo, a fim de poder falar sobre ele” (MARTINS, 2012, p. 1).

Kozinets e Handelman (1988) ainda afirmam que a netnografia pode ser utilizada de três maneiras: (1) como metodologia para estudar comunidades virtuais, o ciberespaço e culturas cibernéticas – ou coletar dados diretamente com os membros das comunidades *on-line*; (2) como ferramenta metodológica para estudar culturas cibernéticas e comunidades virtuais derivadas – ou observar de perto o compartilhamento das informações estando imerso como participante ativo; e (3) como ferramenta exploratória para estudar tópicos em geral – ou realizar entrevistas e conversas com membros da rede por intermédio de outros canais de compartilhamento *on-line* (*e-mail*, *chats* e o próprio WhatsApp). Considerando as três etapas, nesta metodologia os pesquisadores se tornam participantes ativos se relacionando diretamente com a rede que pesquisam (KOZINETTS, 2007).

Na presente pesquisa a participação ativa foi facilitada pelo fato de um dos pesquisadores pertencer ao quilombo estudado. Neste sentido, iniciou-se um processo de busca no Facebook. O fio condutor que teceu a rede entre esses quilombolas foi o fato de

**XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB**  
**Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023**

terem visto juntos o mar pela primeira vez e terem compartilhado no Facebook um relato dessa experiência. A coleta concentrou-se em postagens realizadas em um prazo de dois anos entre 17/07/2014 e 12/06/2016. As postagens foram coletadas diretamente dos perfis individuais dos quilombolas, por meio da ferramenta de pesquisa por assunto do próprio Facebook, entre os meses de abril e maio de 2023.

Foi realizada uma verificação prévia da fidelidade do perfil e foram selecionados sete quilombolas do Quilombo Fátima, com idade entre 16 e 62 anos, de ambos os sexos (QUADRO 1). A seleção dos perfis deu-se pelo fato desse pesquisador quilombola conhecer e ter proximidade com as sete pessoas selecionadas (amostra por conveniência), por estarem conectados no Facebook com o seu perfil e pelo fato do perfil dessas pessoas ser aberto para o público durante o período da coleta de dados.

**Quadro 1 - Relação de perfis selecionados**

<b>Data da postagem</b>	<b>Quilombola / Visão</b>	<b>Sexo</b>	<b>Faixa etária</b>
17/07/2014	01	Masculino	16 anos
17/07/2014	02	Feminino	58 anos
22/11/2015	03	Feminino	39 anos
02/09/2015	04	Masculino	27 anos
12/10/2015	05	Feminino	62 anos
12/06/2016	06	Masculino	32 anos
18/01/2016	07	Feminino	19 anos

**Fonte:** dados da pesquisa

A postagem inicial de um perfil e os comentários que se seguiram foram agrupados em visões. Depois elas foram analisadas à luz do referencial teórico e as discussões são apresentadas a seguir.

#### **4 ANÁLISE DE RESULTADOS**

Antes de apresentar os dados coletados, faz-se necessária uma breve contextualização geográfica do território do quilombo de Fátima que se localiza na em Ponte Nova, Zona da Mata de Minas Gerais. O morro do Sapê, que dá acesso ao Quilombo Fátima, fica localizado entre o bairro Nossa Senhora de Fátima e o bairro São Pedro, nomes cunhados no período pós-colonial por fazendeiros. “No passado, esse território era habitado por diversas fazendas que pertenciam às famílias tradicionais da região, no qual atraiu enorme contingente de

peessoas, na sua maioria de descendência negra” (BELICO, 2018, p. 35) em busca condições básicas para sobreviver, residir e trabalhar.

Para Belico (2018), Ponte Nova nasceu em meio a um contexto escravocrata em Minas Gerais. As principais atividades econômicas desenvolvidas no município, durante os períodos colonial e imperial, contavam inicialmente com o trabalho de pessoas escravizadas e indígenas e, mais tarde, com o do negro africano que também foi escravizado. No tempo do ciclo do ouro transitavam por Ponte Nova, viajantes que iam e vinham da região das minas e montanhas, um período marcado pela escassez de alimentos.

O quilombo está situado a aproximadamente 350 km de distância do mar, informação que revela a limitação na mobilidade territorial, além de uma série de outros atravessamentos sociais e históricos que dificultam a locomoção de pessoas quilombolas pelo Brasil. Tais circunstâncias remetem às considerações feitas por Savolainen (2010) em relação aos estudos de *Everyday Life Information System* (ELIS), segundo os quais as necessidades de informação específicas de um problema decorrem da situação em que se encontra o sujeito, portanto vinculadas a um contexto particular. Seriam as práticas informacionais no ambiente virtual capazes de superar os impedimentos de locomoção que ainda estão associados a atravessamentos históricos e sociais?

Os quilombolas escolhidos para esta análise refletem o que foi aludido anteriormente, tanto em aspectos culturais de acesso, mobilidade, como também em costumes ancestrais e culturais que marcam sua experiência com o mundo e revelam suas práticas informacionais imbuídas de singularidade e identidade quilombola. Os relatos evidenciam essa percepção.

O Quilombola com perfil 01, homem de 16 anos, teve sua primeira visão do mar em 17/07/2014 que foi compartilhada e comentada:

Quilombola 01: "O mar é um bixão grande". Comentário 01: "Eu não coloco o pé num bixão desse de jeito nenhum". Comentário 02: "Foi Deus que encheu isso aí, só pode". Comentário 03: "kkkkkkkk só você mesmo" (VISÃO 01, 2014).

A forma como a linguagem se manifesta na Visão 01 revela perspectivas de como o contexto sociocultural do quilombola está presente em suas práticas informacionais. A linguagem quilombola constrói a realidade e afeta o modo como a realidade em seu entorno é construída, algo próprio da abordagem construtivista.



**XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB**  
**Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023**

Na dimensão da linguagem é possível perceber características da biointeração que, para Santos (2019), é o modo como os quilombolas se relacionam com a natureza e realizam suas práticas tradicionais. Há uma interação com as matas, uma mistura e um mergulho tão intensos que, na maioria das vezes, não é possível distinguir o que é “bixão” e o que é humano. Está presente no texto do Quilombola com perfil 01 elementos de seu contexto cultural e territorial, pois as pessoas se expressam, compartilham a informação, fazem uso das práticas informacionais completamente imersas em seu mundo e isso pode ser identificado em todas as postagens apresentadas nesta pesquisa.

A Quilombola com perfil 02, mulher de 58 anos, teve sua primeira visão do mar em 17/07/2014, no mesmo dia do quilombola 01. É provável que estivessem juntos, mas isto não está confirmado. Na sua postagem relata:

Quilombola 02: "É um rio, só que não dá pra ver do outro lado. Sem fim."  
Comentário 01: "Riã". Comentário 02: "A água é muito fria" (VISÃO 02, 2014)

Percebe-se uma confluência de sentidos entendida como a “lei que rege a relação de convivência entres os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se junta se mistura, ou seja, nada é igual” (SANTOS, 2019, p. 68). Essa confluência de sentidos expressa como os elementos do cotidiano quilombola estão evidentes em sua linguagem e em suas práticas informacionais, pois remetem tanto às decisões individuais quanto às determinações e padrões socioculturais a que os sujeitos estão submetidos (ARAÚJO, 2020).

Há uma diversidade expressiva entre as pessoas quilombolas. São perceptíveis similaridades no compartilhamento da informação, mas há uma evidente singularidade na forma de se expressar. Nesta pesquisa, são apresentados 07 quilombolas com perfis diferentes, mas há uma confluência de sentidos de acordo com Santos (2019).

A Quilombola com perfil 03, mulher de 39 anos, teve sua primeira visão do mar em 22/11/2015. Pode-se dizer que, devido ao texto da postagem, foi uma “primeira parcial visão do mar”:

Comentário Quilombola 03: "Não devia ter casa perto do mar, elas atrapalham de ver o mundo de água". Comentário 01: "as pessoas vão morar onde". Comentário 02: "na água, uai" ((VISÃO 03, 2015)

A Visão 03 remete à relação dos quilombolas com a água (SANTOS, 2019). A naturalidade da resposta no comentário 02, demonstra uma relação de intimidade e

**XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB**  
**Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023**

profundidade com a natureza. Para os quilombolas, “a melhor maneira de guardar os peixes é nas águas” (SANTOS, 2019, p. 66). A relação de mistura com as matas é visceral pois “tudo o que fazemos é produto da energia orgânica esse produto deve ser reintegrado a essa mesma energia” (SANTOS, 2019, p. 66).

O Quilombola com perfil 04, homem de 27 anos, teve sua primeira visão do mar em 02/09/2015. Ele também teve uma “primeira parcial visão do mar”:

Quilombola 04: “O mar é vivo, você precisa pedir permissão para entrar”  
Comentário 01: “eu não entro de jeito nenhum”. Comentário 02: “isso é o mar mesmo?”. Comentário 03: “Eita nois” (VISÃO 04, 2015)

Na Visão 04 percebe-se o respeito pela natureza, o respeito pelas águas e tudo o que dela advém. Para o quilombola, o rio é a rua. O quintal, a mata, os caminhos, as pontes e as águas são espaços de interlocução presentes nas experiências cotidianas das diferentes gerações (POJO; VILHENA, 2013). Essa geração que compartilha suas “confluências informacionais” no Facebook, também se mistura com as águas, respeita as águas e aprende com elas a fluir por entre as pedras até chegar ao mar.

A Quilombola com perfil 05, mulher de 62 anos, teve sua primeira visão do mar em 12/10/2015. Na postagem compartilhada comenta:

Quilombola 05: “Viemos do mar e nunca vimos o mar”. Comentário 01: “chega ser absurdo”. Comentário 02: “todo mundo deve que tinha que ver o mar”. Comentário 03: “Eu mais Julia queria muito ir” (VISÃO 05, 2015)

A Visão 5 revela uma complexidade de informações. A Quilombola 5 ficou 62 anos sem ver o mar, o que de fato “chega ser absurdo”, concordando com o comentário 02. No período da sociedade escravista o transporte era realizado com dificuldade dada a distância das vilas dos grandes centros urbanos (BELICO, 2018) e da dificuldade de acesso pelas montanhas e serras que rodeiam Minas Gerais. Mas tem-se a impressão de que essa realidade ainda persiste e é presente no cotidiano do Quilombo Fátima.

O Quilombola com perfil 06, homem de 32 anos, teve sua primeira visão do mar em 12/06/2016. A postagem observava que:

Quilombola 06: “O mais perto da África é o mar”. Comentário 01: “mas ai vai depender de onde”. Comentário 02: “de todo lugar” (VISÃO 06, 2016)

Na Visão 06 nota-se uma abordagem política e cultural que conecta o quilombola à sua origem e ancestralidade africana, evidenciando o tanto que a historicidade vai impactar nas

práticas informacionais e no compartilhamento de informações no Facebook. A perspectiva de violência territorial e de mobilidade urbana que impossibilita o trânsito até o litoral, continua sendo uma realidade contundente para o quilombo Fátima. A violência escravista da retirada dos povos africanos de seus continentes, o tráfico transatlântico ainda ecoa no cotidiano.

A Quilombola com perfil 07, mulher de 19 anos, teve sua primeira visão do mar em 18/01/2016. Ela compartilhou a seguinte postagem:

Quilombola 07: "Eu queria morar perto do mar, mas eu já moro na beira do rio é tudo água". Comentário 01: "só que uma é doce e outra salgada".  
Comentário 02: "kkkkkk danado" (resposta). Comentário 03: "Eu prefiro o rio, mas nunca vi o mar, então deve que é por isso" (VISÃO 07, 2016).

A Visão 07 evoca mais uma vez a relação dos quilombolas com a água e como essa relação vai moldar a forma como eles compartilham as informações no Facebook e como realizam suas práticas informacionais. É nesse movimento que os quilombos ribeirinhos “traduzem, afirmam e recriam formas culturais por meio da linguagem, aliás, expressam pela oralidade todo o conhecimento e sabedoria que aprendem desde cedo no cotidiano beira rio” (POJO; VILHENA, 2013, p. 143). A postagem também lembra como as situações imprevistas permitem aos sujeitos reelaborarem sua situação concreta. No caso, a Quilombola com perfil 07 revela o seu desejo de “morar perto do mar” e, ao considerar que reside próximo à água (do rio), reafirma a importância do elemento água e remete ao conceito de biointeração.

O Quilombo Fátima se forma no percurso do rio Ipiranga, não é à toa que se vê nas sete postagens uma relação de proximidade dos quilombolas com as águas, já que se trata de “um elemento da vida que a encompassa e a evoca sob múltiplos aspectos, materiais e imaginários” (CUNHA, 2000, p. 15). Tal aspecto interessa sob a ótica do compartilhamento de informações e práticas informacionais, pois cada uma dessas postagens apresentadas e analisadas possuem múltiplas camadas de sentidos. É como um rio a caminho do mar, com correntezas, profundidade, diversidade e “se, por um lado, é condição básica e vital para a reprodução, dependendo dela o organismo humano, por outro, a água inscreve-se no domínio do simbólico, enfeixando várias imagens e significados” (CUNHA, 2000, p. 15), sobretudo ao se manifestar nas práticas informacionais de pessoas quilombolas.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Um dos autores que escreve esse texto é um homem negro, quilombola, com uma trajetória atravessada pelo afeto e pelo cuidado de uma mulher negra, quilombola. Uma mãe que foi empregada doméstica, professora e que, mesmo não tendo a educação que desejava, o ensinou a ver o mundo não como ele é, mas como deveria ser. Isso deu perspectivas, possibilitou estudar e fortaleceu o desejo de apresentar a preciosa cultura quilombola em todos os espaços possíveis em que transitar.

Ao navegar nos sete mares apresentados neste artigo, foi possível compreender, a partir da ótica de sete quilombolas, como as experiências e as memórias relacionadas ao primeiro contato com o mar são compartilhadas no Facebook. No âmbito desta análise, observou-se que o compartilhamento ocorre de maneira espontânea, com a linguagem cotidiana utilizada no Quilombo Fátima. Também foi possível observar que os quilombolas se sentem à vontade para compartilhar suas experiências, como se estivessem em uma conversa informal.

A espontaneidade identificada nas postagens permite emergir uma trama de sentidos e significados, que revelam camadas profundas da identidade dos quilombolas. A memória que se expressa neste contexto não se restringe ao compartilhamento no Facebook, mas se expande em dimensões tentaculares sobre a perspectiva histórica da negritude no Brasil. As práticas informacionais analisadas são imbuídas de aspectos e características particulares da cultura quilombola. É como se cada postagem fosse um oceano profundo de informações históricas. Assim, tem-se a resposta para a questão colocada nesta pesquisa que visava compreender como se dá o compartilhamento de experiências e memórias de uma comunidade quilombola no Facebook.

A metodologia da netnografia propiciou uma imersão no perfil dos quilombolas. Permitiu analisar as práticas informacionais de perto e perceber as dinâmicas socioculturais e territoriais da negritude no contexto do compartilhamento de memórias. As águas do mar e suas histórias se misturaram como redemoinho, e o impacto do “aqui e agora” daquele momento fez surgir registros dessa experiência na mídia social. Os resultados evidenciaram o papel do Facebook na documentação e no registro de aspectos históricos dos perfis quilombolas estudados, apresentando-se como uma plataforma acessível e confortável para que eles compartilhassem publicamente suas histórias. Essa forma de compartilhamento

contribui para a preservação da memória coletiva e fortalecimento da identidade étnico-racial, sobretudo quando ele é compreendido em toda sua dimensão, considerando a trajetória de vida de quem compartilha, seu lugar, sua origem, sua tradição e suas características culturais.

Os resultados enfatizam a importância das mídias sociais como espaço de expressão e a análise dos compartilhamentos como um movimento de valorização das narrativas negras, onde as experiências individuais se conectam com a história coletiva. Além disso, ressalta-se a relevância de considerar as práticas informacionais e a relação entre tecnologia, cultura e território, especialmente no contexto da negritude.

Como a pesquisa está ancorada em sete quilombolas do Quilombo Fátima, os resultados aqui apresentados não podem ser generalizados para todos os quilombos ou grupos étnico-raciais. Recomenda-se que futuros estudos explorem outros contextos e ampliem a amostra, a fim de obter uma compreensão mais abrangente sobre o compartilhamento de memórias nas mídias sociais entre diferentes comunidades negras. Apesar de ter trabalhado com um número limitado e com um lugar específico, o presente estudo contribui para a compreensão das práticas informacionais e culturais dos quilombolas do quilombo Fátima, bem como destaca o potencial das mídias sociais, como o Facebook, para preservar e difundir memórias coletivas.

## **REFERÊNCIAS**

ARAÚJO, C. A. Á. Os estudos em práticas informacionais no âmbito da ciência da informação. In: ALVES, Edvaldo Carvalho. Et al (Orgs). **Práticas informacionais: reflexões teóricas e experiências de pesquisa**. João Pessoa: Editora UFPB, p.21-73, 2020.

BELICO. M. S. **Memória, identidade e reconhecimento: um estudo sobre o processo de construção identitária de lideranças da comunidade quilombola de Fátima, Ponte Nova/M**. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2018.

BRASIL. **Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitória, Brasília. 2003.

CARMO, J. F. *et al*. Saberes Quilombolas no Ciberespaço: A construção de marcos teórico metodológicos e a experiência “Quilombos e Sertões. Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste –INTERCOM. 15. 2013, Mossoró, RN. **Anais [...]**. Mossoró, RN: UERN, 2013. Disponível em:

**XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB**  
**Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023**

<https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2013/resumos/R37-0068-1.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2023.

CUNHA, L. H. O. Significados múltiplos das águas. IN: DIEGUES, A. C. (org) **A imagem das águas**. São Paulo: HUCITEC, 2000.

EUFRÁSIO, S.C.; SOUSA, R.S.C. Práticas informacionais: um estudo à luz da informação étnico-racial. **Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Juazeiro do Norte, v. 8, n. 1, p. 37-63, 2022.

GONÇALVES, A. M. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

KAWAGUCHI, R. C. As comunidades quilombolas do Vale do Ribeira-SP: Comunicação, identidade e movimentos sociais “on” e “off line”. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE MÍDIA CIDADÃ E V CONFERÊNCIA SUL-AMERICANA DE MÍDIA CIDADÃ, 10., 2015, Bauru. **Anais [...]**. Bauru, SP: UNESP/FAAC, 2015. Disponível em: <  
<https://www.faac.unesp.br/Home/Departamentos/ComunicacaoSocial/midiacidada/dt5-1.pdf>>. Acesso em 25v maio 2023.

KOZINETTS, R. V.; HANDELMAN, J. Ensouling Consumption: a Netnographic Exploration of the Meaning of Boycotting Behavior. **Advances in Consumer Research**, [s.l.], v. 25, 1998.

KOZINETTS, R. V. The field behind the screen: using netnography for marketing research in online communities. **Journal of Marketing Research**, [s.l.], v. 39, 2002.

KOZINETTS, R. V. Netnography 2.0. In: R. W. BELK, **Handbook of Qualitative Research Methods in Marketing**, Edward Elgar Publishing, Reino Unido, 2007.

LAURINDO, K. R.; PIZARRO, D. Registro e organização das histórias e memórias do quilombo Vidal Martins: relato de pesquisa. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., Porto Alegre, RS, 2022. **Anais [...]**. Porto Alegre, RS, 2022.

LAURINDO, K. R.; PIZARRO, D. A importância da informação e memória no Quilombo Urbano Vidal Martins. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 21., Rio de Janeiro, RJ, 2021. **Anais [...]**. Rio de Janeiro, RJ, 2021.

LOPES, I.S. *et al.* Comunicação quilombola, resistência e proximidade na redução das desconexões no enfrentamento à pandemia. **Mídia & Cotidiano**, [s.l.], v. 16, n. 3, p. 1-21, 2022.

MARTINS, T. M. O. **A netnografia como metodologia para conhecer o trabalho de professores da cultura digital**. 2012. Disponível em:  
<https://jovensemrede.files.wordpress.com/2012/02/tatiane-marques-de-oliveira-martins-a-netnografia-como-metodologia-para-conhecer-o-trabalho-de-professores-da-cultura-digital-texto.pdf> Acesso em: 25/05/2023.

**XXIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – ENANCIB**  
**Aracaju-SE – 06 a 10 de novembro de 2023**

McKENZIE, P. A model of information practices in accounts of everyday-life information seeking. **Journal of Documentation**, [s./l.], v. 59. n. 1, p. 19-40, 2003. Disponível em: <http://publish.uwo.ca/~pmckenzi/McKenzie J.Doc 2003.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2023.

PASTI, A. Território, comunicação ascendente e os meios alternativos, populares e comunitários na Argentina. **Revista Eptic**. [s./l.], v. 23, n. 2, 2021. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/13877/12087>. Acesso em 25 maio 2022.

PEREIRA, N. **Black Millennials of Brazil**. 2016. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/nadjapereira/novembro-negro-black-millennials>. Acesso em: 15 abr. 2023.

POJO, E. C.; VILHENA, M. N. Crianças Ribeirinhas da Amazônia Paraense. In: SILVA, Isabel de Oliveira e; SILVA, Ana Paula Soares da; MARTINS, Aracy Alves (Org.). **Infâncias do Campo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 135-148.

RECUERO, R.C. Comunidades virtuais: uma abordagem teórica. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO, 14., 2003, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre, PUC RS, 2003. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/teorica.pdf>. Acesso em: 15 maio 2023.

RECUERO, R. C. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre. Sulinas, 2009.

SANTOS, A.B. **Colonização, quilombos**: modos e significações. 2 ed. Brasília: Editora: INCTI, 2019.

SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M. **Território**: globalização e fragmentação. São Paulo: Hucitec, ANPUR, 1994.

SAVOLAINEN, R. Information behavior and information practice: reviewing the “umbrella concepts” of information-seeking studies. **Library Quarterly**, [s./l.], v. 77, n. 2, p. 109-132, 2007.

SAVOLAINEN, R. **Everyday Life Information Seeking**. Encyclopedia of Library and Information Sciences. London: Taylor & Francis, 3 ed. 2010.

TESSAROTTO, M. A. O. Em busca pelo reconhecimento: processos tentativos dos jovens quilombolas do Matão no Facebook. Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. 2. 2018, São Leopoldo, RS. **Anais [...]**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2019.

ZILLES, U. **Teoria do Conhecimento**. 3 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.